

A TERRA NA REALIDADE DO ÍNDIO E O ÍNDIO NA REALIDADE DATERRA

Nas questões propostas pelos diferentes grupos há uma clara preocupação com uma prática encarnada. Há, também, uma angustiada preocupação com a descaracterização do índio. Finalmente, há uma reiterada referência ao problema da terra. Outros temas foram objeto da referência e preocupação. Esses três, entretanto, além de estarem relacionados entre si de modo fundamental, permitem aclarar os demais assuntos propostos para reflexão.

A TERRA NA REALIDADE DO ÍNDIO

Há uma clara contradição no conjunto de indagações e sugestões relativas à questão da terra. Num momento fala-se na necessidade de demarcação urgente das terras indígenas e, até, na recuperação de territórios que foram perdidos para os não-índios. Noutro momento fala-se na omissão dos órgãos oficiais. A contradição está no fato de que a recuperação das terras perdidas pelos índios envolve de imediato o questionamento da expropriação sofrida, o questionamento da legitidade e do poder dos expropriadores, dos seus interesses de classe e da dominação que exercem através do Estado. Já a acusação de omissão não se situa na mesma linha de interpretação, pois representa, de certo modo, a absolvição do omissor. Estamos, provavelmente, supondo que tal omissão pode ser sanada mediante uma espécie de "conversão" de burocracia pública à causa do índio. Esquecemos que no Estado moderno, a ordenação burocrática é simples mandatária dos interesses expressos na aliança de classes que o configuram. Nesse caso, não há propriamente omissão, mas na omissão há uma intenção e uma ação.

[A situação das terras indígenas pode ser definida, de modo geral, como situação que envolve três características: terras ameaçadas de invasão pelos brancos, sobretudo grandes fazendas e empresas; terras griladas, cuja posse pelo não-índio ainda depende de regularização; e terras expropriadas, cuja posse e domínio já estão legalmente nas mãos de brancos. Tais situações foram apontadas em várias manifestações da assembleia e dos grupos. Convém notar que tais características não constituem, na verdade, alternativas entre si. Ao contrário, representam um movimento progressivo. As terras expropriadas foram citadas sobretudo nas áreas mais antigas de ocupação, como o Leste e o Nordeste. A grilagem de terras está ocorrendo sobretudo nas regiões em que está havendo maciça entrada de fazendas, onde está chegando a chamada frente pioneira. Já a ameaça sobre terras indígenas se apresenta nas áreas que se aproxima as vanguardas da frente pioneira, que provavelmente serão ocupadas mais intensivamente nos próximos anos.]

É de grande importância ter em conta que por trás de distintas situações há um movimento. Isso quer dizer que o futuro dos grupos indígenas, com o conhecimento que se tem do assunto, poderia ter sido prevista com absoluto rigor. Nesse caso, os impasses atuais da política indigenista, os graves impasses relacionados com as terras indígenas, não representam efetivamente uma omissão.

O ÍNDIO NA REALIDADE DA TERRA

A invasão das terras indígenas é apenas um capítulo da história social da terra em nosso país. Assim como existe uma história do índio, existe também uma história da terra. Também neste caso, o elenco de problemas levantados pelos diferentes grupos não incluiu uma referência a tal fato.

De certo modo, a tendência é ver a terra como um dos aspectos da questão indígena. Esse é o lado claro das coisas, aquele que podemos perceber imediatamente. Mas, há também um lado oculto, encoberto pela semi-obscuridade de questões que envolvem o conjunto das relações sociais e políticas que definem a presença no índio na sociedade brasileira.

Por isso, sugiro uma inversão de perspectiva. Ao invés de nos limitarmos à análise do papel que tem a terra na realidade do índio deveríamos ampliar a nossa visão, analisando o papel que tem o índio na realidade da terra em nosso país.

Conseguimos perceber que a invasão e expropriação de terras indígenas é um dos fatores fundamentais da sua descaracterização tribal. A medida que se deteriora a forma de ocupação e utilização da terra pelo índio, como consequência da sua invasão e incorporação por fazendas e empresas, também se deteriora a sua identidade tribal. A destruição do espaço do índio destrói também as condições de reprodução do seu modo de ser. O índio está ameaçado progressivamente de ser remetido do seu universo de não-propriedade para o universo de propriedade, com a sua divisão clássica em proprietários e não-proprietários - em proprietários dos meios de produção, de um lado, e proprietários unicamente da força de trabalho, de outro. A deterioração da identidade do índio é condição para destruí-lo como etnia, como grupo tribal com história, cultura, língua e futuro até certo ponto particulares.

A progressiva e, agora, radical e rápida conversão das terras indígenas e das terras devolutas em propriedades privada é um processo claro em nossos dias e em nossa sociedade. Ela decorre fundamentalmente da necessidade histórica do capital de reproduzir-se ampliadamente. Trata-se de um processo "geométrico": a lei histórica do capital é a da sua reprodução ampliada, crescente, numa escala progressiva. Por isso, a terra está em escala crescente sendo convertida em mercadoria, em equivalente capital. Mesmo as terras devolutas e as terras indígenas já estão no cálculo do capital. Tem sido uma constante preocupação de técnicos governamentais de diferentes ministérios o possível esgotamento rápido da fronteira agrícola. Isto é, teme-se que muito depressa já não seja mais possível ocupar novas terras porque todas as terras já estarão ocupadas. Essa possibilidade tem sido encarada como o fim de um modelo de desenvolvimento econômico que, com diversas variantes, já perdura há muitos anos. A possibilidade de ocupação de terras "disponíveis" na fronteira econômica tem sido utilizada como recurso para protelar uma revisão da estrutura fundiária brasileira, com a sua alta concentração da terra em poucas mãos, de um lado, e um grande número de trabalhadores vivendo em pouca terra, de outro.

Estamos, na verdade, em meio a uma social e política. A reprodução do capital começa a atingir de forma mais radical certos setores e áreas do país e o faz removendo os empecilhos que encontra pela frente. Não só a invasão de terras indígenas, mas também a expulsão de posseiros de suas terras de trabalho e a crescente concentração de desempregados e subempregados nas grandes cidades, promovem uma grave redução na qualidade de vida, intensificando o aparecimento de doenças carenciais e aumentando o índice de mortalidade. Os especialistas chamam esse processo de superexploração, aquele em que a exploração compromete a própria sobrevivência da população. O que tem vagamente sido definido como genocídio de populações indígenas é uma das consequências indiretas da superexploração, que não deve ser vista unicamente do ponto de vista econômico.

A natureza social e histórica da terra, seja do índio ou não, está sendo definida independentemente da vontade do índio. A terra está se convertendo numa relação social que é ao mesmo tempo uma relação de dominação, isto é, uma relação política. Por isso, a existência e o ser do índio estão sendo alcançados por essa relação social.

A característica mais grave dessa relação é a de que ela tende a ser "invisível", não aparece à primeira vista, não aparece claramente diante de nós. Esse é provavelmente o fator que dificultou o seu aparecimento nos trabalhos dos nossos grupos.

ENCARNAÇÃO DA REALIDADE

Vários grupos referiram-se à importância de uma prática encarnada. Entretanto, para que possamos encarnar a realidade é preciso que conheçamos essa realidade. Desde já seria conveniente dizer, conforme o que foi dito antes, que a realidade do Índio não aparece por inteiro na sua própria aldeia. Hoje a realidade do Índio esparrama-se para fora do pequeno espaço em que o Índio procura viver a sua vida. O espaço do Índio está hoje nas complexas relações do Estado, da Igreja, dos Partidos, das instituições que lutam pela construção de uma sociedade civil livre e democrática. Por isso, o Índio é tema de discussão, de análise, de opção em todos os cantos. Em toda a parte há gente contra e a favor. Na verdade, à medida em que a propriedade invade os territórios indígenas, o Índio invade a sociedade que quer dominá-lo: invade como problema, como obstáculo, como inimigo, como aliado, como promessa, dependendo da situação social de quem se defronta com ele, direta ou indiretamente, conhecendo-o ou não pessoalmente.

Ora, uma prática encarnada, uma encarnação que se baseie numa interpretação localista e tribal da realidade, que desconheça as relações sociais e as relações de poder que permeiam a situação do Índio, que fazem com que ele exista hoje e desapareça amanhã, que o fazem Índio hoje e mendigo e alcoólatra amanhã, é uma prática que não se baseia na efetiva realidade do Índio.

A realidade do Índio, independentemente da vontade do Índio, é hoje uma realidade amplamente marcada e dominada pelos conflitos fundamentais da nossa sociedade, mesmo que tais conflitos apareçam como exteriores, episódicos ou simplesmente prováveis. É nesse sentido que a encarnação da realidade do Índio só se dá concretamente quando encarnamos também os conflitos que estão no âmago da sua situação social.

José de Souza Martins

(Julho - 1979)